

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**VINÍCIUS FELIPE DOS SANTOS**

**O ACOLHIMENTO PASTORAL NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO À LUZ  
DA CULTURA DO ENCONTRO**

**CAMPINAS**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
VINÍCIUS FELIPE DOS SANTOS**

**O ACOLHIMENTO PASTORAL NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO À LUZ  
DA CULTURA DO ENCONTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para o grau de Bacharel.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Me. Lucia Maria Quintes Duscable Gomes.

**CAMPINAS  
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
VINÍCIUS FELIPE DOS SANTOS**

**O ACOLHIMENTO PASTORAL NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO À LUZ  
DA CULTURA DO ENCONTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para o grau de Bacharel.

Trabalho julgado e aprovado pelo Docente responsável em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Lucia Maria Quintes Duscable Gomes.

**CAMPINAS  
2022**

Dedico a todos os amigos e colegas falecidos pela pandemia do COVID-19, bem como aos seus familiares, e ao Seminarista  
Lucas Hipólito (1996-2016)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que, por misericórdia não me abandonou em nenhum momento, e quando mais necessitei me deu forças para continuar seguindo em frente. Agradeço à Virgem Maria, que a todo o momento intercedeu por mim. Agradeço aos meus pais, Silvana e Toninho, aos quais amo muito e que desde o início me educaram e me fizeram ser quem hoje sou. Agradeço à minha avó e madrinha de crisma, Sra. Jô, que foi a precursora da minha fé, pois foi ela quem me incentivou e fez a minha inscrição na catequese de iniciação cristã. Agradeço aos meus irmãos Lucas e Matheus, aos quais amo muito e, mesmo distante tantas vezes, sempre lembro deles em minhas orações e preces. Agradeço à Maria Eduarda, minha sobrinha, que me faz ver a cada dia, com seu sorriso, carinho e amor, o quanto é bom ser tio. Agradeço, enfim, a todos os meus familiares.

Agradeço carinhosamente aos amigos de Hortolândia, e às madrinhas de oração, que sempre me incentivam na caminhada vocacional com suas orações, preces e conselhos. Gratidão também às funcionárias dos seminários, que com amor de mãe cuidam muito bem de nós.

Agradeço à minha Paróquia de origem, Nossa Senhora do Rosário, em Hortolândia, bem como ao pároco, Pe. Marcel Fabiano, que sempre me incentivou com suas palavras, amizade e orações. Agradeço as paróquias e aos amigos que conquistei onde fiz meus estágios pastorais: Paróquia Santa Luzia, do Jd. Novo Campos Elíseos, em Campinas com o Pe. Marcel Gustavo, na época vigário paroquial; Paróquia São Sebastião, de Vinhedo, com o pároco Pe. Carlos Lemos; Paróquia Santo Antônio, em Indaiatuba, com o Padre Caio Andrade e posteriormente Padre Bruno Alexandroni; também à Paróquia Jesus Cristo Libertador, com o Pe. Tiago Brito, todos estes citados são grandes amigos e incentivadores de minha vocação.

Agradeço aos formadores do Seminário de teologia: os antigos reitores Pe. Antônio Douglas e Pe. Jonas Barbosa, e ao atual reitor do Seminário de teologia: Pe. Tarcísio Machado. Agradecimento especial à minha orientadora Professora Dra. Lucia Gomes e a todos os professores e formadores por quem passei esses anos, gratidão!

Agradeço a todos os irmãos e amigos do Seminário de Teologia da Arquidiocese de Campinas, especialmente aos que são da minha turma: Bruno Leite

e Geislânio Luz. Agradeço a todos que contribuíram com a reflexão e elaboração deste trabalho e me ajudaram a concluir mais este ciclo da Formação, agradeço a todos nas pessoas de: Douglas Murari, Diácono César Divino, Padre Mateus Ramos, Padre Henrique Costa, entre outros.

Aos amigos da Faculdade de Teologia da PUC-Campinas, especialmente ao Marcos Reversi que, com muita paciência, sempre me incentivou e ajudou nos momentos mais difíceis da faculdade,

Por fim, agradeço e dedico este trabalho à memória de um grande amigo e irmão, de quem jamais me esquecerei: Seminarista Lucas Hipólito (1996-2016).

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem como tema central o acolhimento pastoral. A pesquisa foi feita à luz da “cultura do encontro”, que é proposta pelo Papa Francisco. Como cristãos, devemos saber acolher a todos, sem julgamentos e sem preconceitos. A importância da acolhida vem desde os primórdios da Igreja. E, com o Concílio Vaticano II, houve uma abertura e renovação. A Igreja se volta ao povo, deve colocar-se em saída, ser missionária, ir ao encontro de seu povo. Perante esta proposta feita pelo concílio, o Papa Francisco, em seu pontificado coloca essa ideia em prática, o que já havia sendo feito pelos papas pós-conciliares, anteriores ao Francisco, mas, com mais ênfase, Francisco propõe uma ideia de acolher e renovar, criando a chamada “cultura do encontro” que, olha com amor para a casa comum, dialogando com toda a sociedade num diálogo fecundo e sem preconceitos, cria uma acolhida àqueles que estão excluídos que vivem nas periferias existenciais, os mais vulneráveis, assim como Jesus fez quando passou por esta terra acolhendo a todos com misericórdia, compaixão e amor, trazendo esperança e vida nova aos que eram esquecidos pela sociedade.

**Palavras chave:** Acolhimento, Cultura do encontro, Francisco, Pastoral, Diálogo, Casa Comum.

## **ABSTRACT**

This monographic work presents the pastoral welcoming as its central theme. The research was carried out in the light of the “culture of encounter”, proposed by Pope Francis. As Christians, we must know how to welcome everyone, without judgment and prejudice. The importance of welcoming comes from the early days of the Church. And the Second Vatican Council, set an opening and renewal. The Church turns to the people and must go out, be missionary, go out to meet her people. Faced with this proposal made by the council, Pope Francis puts this idea into practice in his pontificate, something that had already been done by post-conciliar popes, prior to Francis. But Pope Francis emphasizes the idea of welcoming and renewing, creating the so-called “culture of encounter” that looks with love to the common home, dialoguing with the whole society in a fruitful and unprejudiced dialogue, creating a welcoming for those who are excluded and those who live on the existential peripheries, the most vulnerable, as well as Jesus did when he passed through this earth, welcoming everyone with mercy, compassion and love, bringing hope and new life to those who were forgotten by society.

**Keywords:** Welcoming, Culture of encounter, Francis, Pastoral, Dialogue, Common Home.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO I.....	11
OS DESAFIOS PARA O ACOLHIMENTO PASTORAL NA REALIDADE ATUAL ....	11
1.1. O acolhimento pastoral diante do fundamentalismo religioso e a falta de diálogo.....	11
1.2. O acolhimento pastoral diante do tradicionalismo .....	16
1.3. O acolhimento pastoral diante da falta de cuidados para com a casa comum	19
CAPITULO II.....	23
A IMPORTÂNCIA DE UMA IGREJA ACOLHEDORA.....	23
2.1. O acolhimento nas Sagradas Escrituras.....	23
2.1.1. Acolhida no Antigo Testamento.....	23
2.1.2. Acolhida no Novo Testamento.....	25
2.2. O acolhimento pastoral nos documentos do Concílio Vaticano II.....	26
2.2.1. Pastoral acolhedora na <i>Gaudium Et Spes</i> .....	27
2.2.2. Igreja acolhedora na <i>Lumen Gentium</i> .....	28
2.3. O acolhimento pastoral pelos papas do pós-concílio Vaticano II.....	29
CAPÍTULO III.....	32
O ACOLHIMENTO NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO .....	32
3.1. Acolhimento e diálogo.....	33
3.2. Acolhimento para com todos .....	36
3.3. Acolhida no cuidado com casa comum.....	39
CONCLUSÃO .....	42
REFERÊNCIAS .....	44

## INTRODUÇÃO

A Igreja deve ser um local de acolhida, acolhida de todos os que vão até ela. O tema da acolhida é um tema que deve ser discutido, estudado e vivido, pois “o acolhimento é um desafio de nossa Igreja que precisa ser enfrentado” (PEREIRA, 2013, p.7). Os escritos do Papa Francisco, quando colocado em prática, nos auxiliam no acolhimento dos nossos irmãos através da cultura do encontro.

O encontro com os irmãos, deve ser também o encontro com Deus, um encontro cheio de fraternidade, e sobretudo, de misericórdia, como o Senhor nos acolhe, mesmo não sendo merecedores, Ele nos acolhe com misericórdia, por isso, a Igreja deve olhar com carinho e ternura para com os Homens, pois são membros do corpo de Cristo que é a Igreja (cf. Ef 1,22-23).

Os escritos e atitudes do Papa Francisco me chamaram a atenção pela forma como ele acolhe as pessoas, na simplicidade e com muito carisma. Como um pai, sabe corrigir, e como um grande pastor, sabe guiar o seu rebanho por caminhos seguros, mesmo em meio à tantas dificuldades. Em um mundo plural que vivemos, ele consegue dialogar, não somente com cristãos católicos, mas com outras religiões, cristãs e não cristãs. Sua simplicidade e bom humor cativa muitos corações, e isso é o que a Igreja quer e precisa.

A falta de acolhida em nossa Igreja fez com que muitos fiéis migrassem para outras igrejas e até outras religiões. O Papa Francisco, assim como o seu santo onomástico – São Francisco de Assis, traz uma reforma da Igreja, não como a do século XVI, mas uma reforma que está colocando em prática o Concílio Vaticano II, e diante disso, é, também, alvo de muitas críticas da, assim chamada, “ala conservadora”. Sua força e determinação para guiar a Igreja de Cristo me chamaram a atenção, desde seu primeiro dia de pontificado, por isso, querendo seguir seu exemplo de pai e pastor, um pastor que está no meio do rebanho, tomei a decisão de escolher esse tema da acolhida em seu pontificado à luz da cultura do encontro, encontro esse que nos torna mais irmãos na fé, na esperança e na caridade.

O Papa Francisco, por ser argentino, traz em sua teologia, uma teologia latino-americana, assim, seu pastoreio se aproxima muito do que se vive no Brasil. Quando bispo na Argentina, esteve presente nas conferencias episcopais latino-americanas,

como em Aparecida, por exemplo. Por este motivo, seus escritos tem uma base nos documentos do CELAM, o que facilita pôr em prática sua acolhida em nossa Igreja local.

De escrita simples e cativante, seus documentos deixam claro uma Igreja aberta a todos, a fim de que no encontro com um irmão, seja também um encontro com o Cristo, o Cristo que sofre, o Cristo que padece nas mãos dos opressores, e que, com a Graça do Pai, ressuscitará. E nós, cristãos, temos que, com a cultura do encontro, levar os nossos irmãos ao encontro com Cristo ressuscitado, para que assim, eles também ressuscitem, ressuscitem na esperança de um mundo melhor, onde haja diálogo, respeito entre irmãos e respeito com a criação, pois todos moramos em uma casa comum, só assim poderemos criar um mundo de justiça e paz.

O objetivo desta pesquisa é a reflexão sobre a acolhida iluminada pela cultura do encontro que o Papa Francisco nos apresenta em seus escritos, Tendo como referência esta reflexão, pretende-se pensar perspectivas para o acolhimento na pastoral. E assim, abrir-nos de coração sincero e humilde, para uma acolhida também em nossas paróquias, pastorais e por onde caminharmos, acolhendo nossos irmãos e irmãs, como Jesus nos acolheu, com amor, compaixão e misericórdia, dialogando e promovendo uma cultura do encontro.

O objetivo específico deste trabalho é compreender o significado de acolhida. Para isso, veremos em três capítulos como promoveremos uma Igreja acolhedora e que crie uma cultura do encontro.

No primeiro capítulo, percorreremos um caminho que apontará alguns desafios presentes na atualidade que atrapalha o acolhimento, o desafio do acolhimento diante do fundamentalismo religioso e da falta de diálogo, no primeiro tópico. O desafio perante o tradicionalismo, no segundo. E, por fim, no terceiro tópico, o desafio do acolhimento com a falta de cuidado para com a casa comum.

No segundo capítulo abordaremos, em três tópicos, a importância de uma Igreja acolhedora. No primeiro tópico veremos a acolhida num contexto bíblico, passando pelo Antigo Testamento a acolhida do projeto de Salvação, um Deus que caminha com seu povo e acolhe suas súplicas, e a importância em acolher bem os peregrinos. No Novo Testamento veremos a acolhida de Jesus para com os pecadores e marginalizados, Jesus acolhe com amor, sem julgamentos, mas ensina àqueles que foram perdoados a não pecar mais, também a acolhida dos Apóstolos para com os povos pagão e anúncio da Salvação. Como anunciam a Boa Nova no mundo, fazendo

novos discípulos para Cristo. No segundo tópico abordaremos duas constituições do Concílio Vaticano II, a *Gaudium et Spes* e a *Lumen Gentium*, respectivamente sobre a pastoral, e sobre a Igreja. como são abordados os temas do acolhimento em ambas. Por fim, no terceiro tópico veremos como os papas do pós-concílio Vaticano II abordam em seus discursos inaugurais ou primeiras missas, o tema da acolhida para com o Vaticano II.

No terceiro capítulo focaremos nos escritos do Papa Francisco, em como superar os desafios apontados no primeiro capítulo a fim de promover a cultura do encontro. Novamente em três tópicos veremos no primeiro como combater a falta de diálogo, usaremos como base a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (2020). No segundo tópico, baseado na *Gaudete et Exultate* (2018) veremos como podemos combater o gnosticismo e o pelagianismo, que também se assemelham ao fundamentalismo e tradicionalismo. No terceiro e último tópico com base na Carta Encíclica *Laudato Si* (2015) como devemos cuidar da Casa comum, a fim de promover um diálogo ecumênico e ecológico superando as dificuldades socioambientais. Vencendo todos estes desafios, conseguiremos, enfim, criar uma cultura do encontro, e assim, uma Igreja mais acolhedora.

## CAPITULO I

### OS DESAFIOS PARA O ACOLHIMENTO PASTORAL NA REALIDADE ATUAL

Neste primeiro capítulo, abordaremos um pouco dos desafios encontrados perante o acolhimento pastoral, tendo em vista a realidade atual. O objetivo é compreender o quanto esses desafios atrapalham o acolhimento em nossas paróquias e pastorais, e muitas vezes sem percebermos não conseguimos enxergar que eles estão presentes em nosso meio, e muitas vezes em nós mesmos. Por isso, veremos esses desafios em três partes, são eles: o acolhimento pastoral diante do fundamentalismo religioso e da falta de diálogo, o acolhimento pastoral diante do tradicionalismo, e, o acolhimento pastoral diante da falta de cuidado com a casa comum. Assim, apontaremos as causas e os efeitos que ambos causam dentro da Igreja.

#### 1.1. O acolhimento pastoral diante do fundamentalismo religioso e a falta de diálogo

Começando por um tema relevante, e bem presente na sociedade atual, o fundamentalismo religioso. É necessário, antes de tudo, compreender o que é o fundamentalismo. Como nasceu o termo, como é utilizado agora, e seu significado diante da religião.

O nicho do fundamentalismo se encontra no protestantismo norte-americano, especialmente entre os *Pilgrims* que vieram da Holanda e da Inglaterra, expulsos em 1620 por exigirem reforma no cristianismo, e acabaram sendo os pais da pátria norte-americana. No final do século XIX, ele ressurgiu de forma mais organizada quando um grupo de pastores de várias denominações publicou, entre 1890 e 1915, uma pequena coleção de 12 fascículos teológicos que formavam a série *Fundamentals: a testimony of the truth* (Os Fundamentos: um testemunho da verdade). Estes fascículos tratavam sobre pontos que, segundo os autores, seriam fundamentais para a fé cristã e eram explicitamente contra o liberalismo (BOFF, 2009, p.9).

O fundamentalismo vai surgir entre os protestantes dos Estados Unidos nos primórdios do século XX, “a partir do trabalho de teólogos e pregadores que atuavam dentro da Universidade de Princeton” (BOFF, 2009, p.11), como uma resposta contra os valores da modernidade Iluminista e humanista que vai colocar em xeque a

centralidade do cristianismo na cultura ocidental causando um processo de secularização. As igrejas estavam perdendo sua força, sua centralidade, “já não eram mais o principal fator de agregação nem no campo nem nas pequenas cidades” (BOFF, 2009, p.10), os fiéis estavam começando a serem guiados por uma lógica secular, ou seja, do século, do mundo, daí vem o termo secularização, e assim sendo conduzidos por uma autonomia da razão e do espírito democrático.

Os *Fundamentals* manifestavam uma proposta de um “cristianismo extremamente rigoroso, ortodoxo e dogmático, que servia como orientação aos fiéis diante da avalanche de secularização e modernização que invadia toda a sociedade norte-americana” (BOFF, 2009, p.10), eles não eram contra a modernização tecnológica, mas tentavam combater o liberalismo que, segundo eles, colocavam em risco a tranquilidade e a segurança de espírito oferecidas pela fé cristã.

Com relação às Sagradas Escrituras, o fundamentalista a interpreta a Bíblia de forma literal, ou seja, para ele, tudo o que está na Bíblia deve ser seguido tal como se lê (cf. Boff, 2009), pois ela contém toda a verdade, e considera tudo como fato histórico, para ele, a Sagrada Escritura é o ponto fundamental da fé, assim:

A leitura fundamentalista parte do princípio de que a Bíblia, sendo Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes. Mas por « interpretação literal » ela entende uma interpretação primária, literalista, isto é, excluindo todo esforço de compreensão da Bíblia que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2010, p.82).

Esta abordagem literal é perigosa, e ocasiona alguns erros de interpretação excluindo todo o trabalho feito durante séculos de estudos sobre formas de linguagens, culturas e costumes da época de quando foi escrita.

A abordagem fundamentalista é perigosa, pois ela é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida. Ela pode enganá-las oferecendo-lhes interpretações piedosas mas ilusórias, ao invés de lhes dizer que a Bíblia não contém necessariamente uma resposta imediata a cada um desses problemas. O fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento. Ele coloca na vida uma falsa certeza, pois ele confunde inconscientemente as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2010, p.86).

O Fundamentalismo recusa o diálogo, pois a pessoa fundamentalista considera-se “dono da razão”, excluindo quem pensa diferente. Com o passar do tempo, o fundamentalismo ganhou novas formas, mas sem deixar de ser rígida como quando surgiu no século XX, sempre reagindo às novas mudanças do tempo.

Para ele [o fundamentalista], os demais caminhos espirituais estão no erro, e daí decorre a sua intolerância. Na moral, o fundamentalista é especialmente inflexível, particularmente no que concerne à sexualidade e à família. É contra homossexuais, o movimento feminista e todos os processos libertários em geral (BOFF, 2009, p.13).

Assim, muitos evangélicos fundamentalistas reagem à modernidade, julgando errado as novas formas de famílias, a independência da mulher – seja no trabalho ou com o seu próprio corpo, a defesa da chamada família tradicional, composta por marido, mulher e filhos, sempre com o homem como chefe da família, além de defender o estudo bíblico nas escolas.

No Brasil, além da religião, o fundamentalismo atinge também o campo político:

Os conteúdos fundamentalistas presentes nos discursos e nas práticas de lideranças evangélicas no Brasil, nas igrejas, na política e nas mídias não apresentam novidade. Além da ênfase no controle dos corpos, o tom dessas abordagens teológicas justifica, por exemplo, posições racistas embasadas na leitura fundamentalista de textos da Bíblia (CAMPOS, 2020, p.8)

Além dessa leitura fundamentalista da Bíblia, algumas reflexões teológicas vão defender um Deus guerreiro, que combate com armas, usando assim um discurso violento e agressivo, fazendo com que haja uma “discriminação a quem lhes faz oposição ou tenha posição diversa como agentes do diabo” (CAMPOS, 2020, p.9).

Esse fenômeno fundamentalista não está presente somente no âmbito das igrejas protestantes, há também uma esfera católica que usam esses mesmos discursos para defenderem de tal forma a fé, que acabam sendo violentos, e ao invés de evangelizar, acabam afastando mais pessoas da Igreja, são os chamados “conservadores”, muitos destes acabam negando o concílio Vaticano II e até mesmo a eleição do Papa Francisco, pelo seu discurso mais progressista, num sentido de ser mais acolhedor, e tomar algumas posturas, de certa forma, novas para um papa.

o Concílio Vaticano II foi a maior expressão de abertura eclesial e do desejo de se estabelecer um diálogo fecundo com o mundo. Desde aquela época, porém, não faltam segmentos dentro da Igreja que veem, nesta abertura e em posturas pastorais em maior sintonia com as alegrias, esperanças e dores da humanidade, uma grande ameaça para a unidade eclesial. Normalmente são chamados de “ala conservadora” da Igreja ou de “tradicionalistas”. Atualmente, se o número dos ditos “tradicionalistas”, que se opõem ao Concílio Vaticano II e ao próprio Papa Francisco (considerado por muitos um papa “progressista”), não impressionam pelo número, não deixam de surpreender pelo barulho que fazem, de modo especial nas redes sociais. (PASSOS, J.D.; JESUS, L.N. 2020, p.649).

Assim, surge o grande desafio da acolhida. Alguns membros da Igreja deixam de acolher os pecadores ou os que se converteram, e acabam julgando, fazendo que sintam vergonha e medo,

um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações “irregulares”, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem até por detrás dos ensinamentos da Igreja “para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias [pessoas] feridas” (FRANCISCO, 2016, n.305);

e não o abraço acolhedor do Pai que espera o seu filho arrependido voltar para a casa e o recebe com festa (Cf. Lc 15, 20b-24). O fundamentalismo enxerga o outro como “inimigo”, e assim, tenta acabar com ele:

Certos “fundamentos” são escolhidos para a persuasão do público, a fim de estabelecer fronteiras e lutar contra “inimigos”, o que sempre resulta em um movimento polarizador e separatista, que nega o diálogo e estabelece um pensamento único que direciona as ações (CAMPOS, 2020, p.11).

Essas ações de persuasão trazem separações dentro da Igreja, o que a torna vulnerável, e faz com que pessoas se distanciem, buscando um lugar que saibam acolher. É a falta da cultura do encontro, um encontro que não julga, não faz distinções, mas um encontro que ajuda a dar vida, um encontro que faz a pessoa se sentir importante e mostra o caminho correto que ela deve seguir, sendo acolhida com misericórdia, amor e carinho, e que faça com que ela se sinta em casa e não rejeitada. Por isso, o fundamentalismo deve ser superado, para que não sejamos juízes uns dos outros, mas sejamos misericordiosos como o Pai (Lc 6,36).

Outro ponto essencial e renovador na Igreja do concílio Vaticano II é o diálogo inter-religioso. A Igreja se abre para dialogar com outras religiões. Com a modernidade, novas religiões surgiram pelo mundo, e, tendo em vista que a Igreja sempre se colocou em combate contra essas religiões, o concílio percebeu que não bastava mais lutar contra, e sim ter um diálogo, tendo em vista que todas as religiões lutam por uma sociedade justa e fraterna.

O diálogo inter-religioso é um convite para acolher as outras religiões, que são nossas vizinhas na construção de uma vida melhor e de um futuro de justiça e paz. As religiões não podem se esquivar desse compromisso de contribuir para a construção de uma sociedade onde justiça e paz sejam os valores mais importantes (SANCHEZ, 2015, p.15).

O diálogo é sair de si e conhecer o outro, estar disponível para ser solidário. Exige um compromisso de seus interlocutores para com a verdade e com a

responsabilidade, e a Igreja católica vai descobrir isso com o concílio Vaticano II, “dialogar é também estar disponível para abrir mão da intransigência e do fundamentalismo de todos os lados que nos separam dos outros e que impedem a convivência fraterna” (SANCHEZ, 2015, p.14).

O diálogo é uma das características mais fortes do pontificado do Papa Francisco, pois somente o diálogo cria relações com as pessoas, com a sociedade, com as diversas Igrejas, com as outras religiões e as com as variadas culturas dos povos.

O Papa entende que dialogar é um modo de ser cristão e ser Igreja, configura a própria identidade humana e religiosa. Mais, diálogo é conteúdo da própria fé no Deus trindade que tem natureza relacional na comunhão das pessoas divinas e que se relaciona com o mundo e com a história humana, tendo seu ápice na encarnação do Filho (WOLFF, 2018, p.7).

Dialogar é uma exigência missionária da Igreja, a missão se faz com o diálogo, o anúncio do Evangelho se faz pelo diálogo, não dialogar é colocar a Igreja e sua missão em risco.

O diálogo é se colocar a caminho, ao encontro do outro, das diferenças, e compreender suas dificuldades caminhando juntos, para que um possam, na caridade, ajudar um ao outro.

Na linha conciliar, o Papa Francisco fortalece a relação da Igreja com o mundo, colhendo os “sinais dos tempos”, as solitudes para a missão, exercendo a solidariedade e o companheirismo. Ele vai ao encontro das diferenças, acolhendo as riquezas que nelas se apresentam. Promove o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural, buscando a unidade da família humana (WOLFF, 2018, p.8).

O Papa encontra pelo caminho muita resistência relacionado ao diálogo, uma resistência de grupos com posturas tradicionalistas, que tem como modelos eclesiológicos, a ideia da Igreja pré-conciliar, não se abre ao que pede os “sinais dos tempos”, quer ainda uma Igreja enclausurada, fechada em suas ideias de que é a dona da verdade absoluta, e usam sempre de posturas moralistas para parecerem estar sempre um patamar acima dos outros, uma Igreja piramidal, que não se abre à caridade.

O Papa Francisco tem ciência dessas tendências e está sempre aberto ao diálogo. Mas sem abandonar o Vaticano II como principal orientação para a caminhada da Igreja e o cumprimento de pregar o Evangelho ao mundo de hoje (WOLFF, 2018, p.9).

Essa atitude de coragem do Papa, podemos assim dizer, em seguir firme no caminho do Vaticano II, faz com que a Igreja seja mais acolhedora, respeitando as diferenças, e sabendo acolher, com misericórdia, o outro, e nessa abertura, nesse diálogo, aprender, trocar experiências com o que está ao nosso lado, a fim de criar um mundo melhor, uma humanidade mais unida aberta à ouvir o outro, e construir uma sociedade mais justa e fraterna.

## **1.2. O acolhimento pastoral diante do tradicionalismo**

O tradicionalismo é outro ponto importante e que, de certa forma, se torna um desafio para a acolhida pastoral em nossa Igreja, prejudicando assim, a cultura do encontro.

A fé Católica está alicerçada em 3 pilares: Sagrada Escritura (Bíblia), Sagrada Tradição (fé transmitida pelos apóstolos) e Sagrado Magistério (doutrina). A Sagrada Tradição é essencial para a Igreja, pois todo o conhecimento e testemunho foi passado por aqueles que viveram com Jesus, ou seja, os apóstolos, e é vivenciado pela Igreja até os dias atuais e é dela que surgiram os escritos, os documentos, os costumes, etc. Portanto, não se deve entender o “tradicionalismo” como Tradição da Igreja.

A Sagrada Tradição atravessa séculos se mantendo intacta, mas acompanhando as mudanças de épocas e exigências que as realidades atuais pedem. Já o tradicionalismo não aceita as novas mudanças de épocas, e assim como o fundamentalismo, que vimos anteriormente, é uma resposta à modernidade, porém, mais presente na Igreja Católica. O tradicionalismo se nega a renovação proposta pelo concílio ecumênico Vaticano II. É uma realidade presente há muito tempo na Igreja, porém está mais visível agora, no pontificado do Papa Francisco, que está fazendo, de certa maneira, uma reforma na Igreja e colocando em prática o concílio Vaticano II.

Na contraposição do Vaticano II ao tradicionalismo situa-se hoje de modo concretíssimo o pontificado do Papa Francisco. O projeto de reforma da Igreja capitaneado pelo papa do fim do mundo desenha o centro de uma guerra entre renovação e tradicionalismo. Desde a chegada de Francisco ao trono de Pedro, as oposições do tipo tradicionalistas têm crescido ou, ao menos, se manifestado de forma inédita dentro da Igreja Católica (PASSOS, 2020, p.12).

Assim, o tradicionalismo se tornou mais visível, pois cada vez mais “ganham espaço e fôlego nas redes sociais e nas frentes políticas da ultradireita que exibem seus projetos conservadores pelo Ocidente afora” (PASSOS, 2020, p.16) ao se promoverem, atacam o concílio Vaticano II, expondo suas críticas e argumentos lógicos trazendo o passado para o presente, negando a mudança de época e as urgências hodierna da Igreja.

A pauta é, sem dúvida, tradicionalista; opõe explicitamente renovação à tradição, ortodoxia à heterodoxia; as referências do passado são adotadas com parâmetros de julgamento do presente, fechando as possibilidades de circularidade entre as temporalidades e, por consequência, o exercício atual de transmissão (*traditio*) dos conteúdos da fé (PASSOS, 2020, p.13).

Em vista disso, a Igreja vive hoje um clima latente de cisão, pois mesmo o magistério papal tendo essa dinâmica sinodal, de acompanhar, ouvir os anseios da Igreja e discernir sobre suas dificuldades e procurar uma solução, é taxado pelos tradicionalistas como herético e é rejeitado publicamente pelos mesmos, que estão dispostos mais a reagir mais contra do que propor, ou dialogar. Porém,

O Papa Francisco encarna oficialmente as renovações mais temidas pela perspectiva dos tradicionalistas; representa um catolicismo/cristianismo considerado equivocado e traidor da autêntica tradição da fé instituída dogmaticamente em Concílios anteriores aos Vaticano II (PASSOS, 2020, p.14).

Perante isso, muitos grupos conservadores buscam argumentos para acusarem o Papa Francisco de herege, a ponto de escreverem cartas aos arcebispos e cardeais do mundo, para tentar impedi-lo de prosseguir nesta reforma da Igreja e tentar persuadi-los para que não tenha mais ações do tipo, que segundo eles, ferem a pureza da fé católica, como acolher a comunidade LGBT na Igreja. Sustentados pelas mídias sociais, que favorece a rápida disseminação de notícias, espalham argumentos que contribuem para o afrontamento direto ao Papa.

Com a mistura política de extrema direita, os conservadores taxam de comunista todos os que vão contra os seus discursos, ou que tendem à uma visão mais social ou voltada à defesa dos pobres e mais vulneráveis. É uma forma de atacar a Igreja que diante da proposta do concílio Vaticano II se abriu ao mundo, no sentido de se tornar uma Igreja em saída, missionária, e não fechada em si mesmo, hierarquizada, mas que sai à busca da “ovelha perdida” (cf. Lc 15,4-7), anunciando o querigma, e usando de misericórdia para com o pecador.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* vai deixar claro que:

A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo (PAULO VI, *Lumen Gentium*, 2011, n. 1).

A Igreja sendo sinal deve estar presente em todos os lugares e para todos, isto é, em saída, anunciando o Evangelho à todas as criaturas (cf. Mc 16,15). E deve ser sinal de unidade plena entre os Homens e Cristo, por isso, a insistência do Papa Francisco em colocar em prática o concílio Vaticano II, pois é um dever da Igreja ter essa abertura acolhedora, e uma urgência para os nossos dias. Por conseguinte, havendo essa abertura, a Igreja deixa de estar no topo piramidal e passa a estar no meio do povo – sinodal, que caminha junto – e é isso que os tradicionalistas vão criticar, perde-se a hierarquização da Igreja.

Além de colocar em prática o Vaticano II, o Papa Francisco vai estar mais atento aos escândalos que surgiram na Igreja durante as últimas décadas, e que se tornaram mais visíveis, e por consequência, uma cobrança maior pela mídia e pela sociedade.

Com os sínodos, o Papa dá voz e abertura aos leigos, fazendo com que o clericalismo seja diminuído, o que atinge ainda mais os tradicionalistas, por terem uma visão de igreja hierárquica e de poder. Além de tratar dos assuntos morais que atingem a Igreja, como por exemplo: abusos administrativos e sexuais.

Todos esses elementos que o Papa Francisco trabalha em seu pontificado mostra que, mesmo na crise e nas dificuldades, ele segue com coragem e carisma, o que traz esperança e acolhimento para o povo católico. Acolhimento para com aqueles que não se sentiam abraçados pela Igreja.

Há ainda muito o que fazer, mas a reforma já está acontecendo e é bem visível. Colocar em prática o concílio Vaticano II é essencial, por isso o papa Francisco é taxativo em suas pregações, e em suas atitudes, principalmente mostrando que a Igreja não deve ficar trancada em suas sacristias, mas estar nas periferias existenciais, sair em busca do povo de Deus, que está sedento de Cristo, e de misericórdia.

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com

ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37). (FRANCISCO, 2014, n. 49)

O tradicionalismo separa e afastam as pessoas, não contribui com nada para a cultura do encontro, por isso o Papa exorta aos presbíteros para que sejam pastores tenham o cheiro das ovelhas, ou seja, estar no meio delas, ir ao encontro do outro, ouvir seus anseios, suas angustias, rezar com eles, serem renovados com eles, assim, tendo essa abertura provinda do Espírito Santo, a Igreja se fará presente na vida de todos.

### **1.3. O acolhimento pastoral diante da falta de cuidados para com a casa comum**

A ecologia, a casa comum, os cuidados com o meio ambiente são assuntos relevantes no concílio Vaticano II. E isso nos é apresentado na Doutrina Social da Igreja: ela “não foi pensada desde o princípio como um sistema orgânico; mas foi se formando pouco a pouco, com progressivos pronunciamentos do Magistério sobre os temas sociais” (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2005, n.72). Muitos papas já escreveram sobre questões sociais, sobretudo voltada à ecologia, e chamou a atenção dos católicos para os cuidados com nosso planeta. Este é um assunto que, de certa forma, tem um preconceito dentro da Igreja, sobretudo dos mais conservadores. É um assunto que abrange todas as áreas, seja religiosa, econômica ou política, pois afeta diretamente o ser humano.

Cuidar da casa comum, cuidar da natureza é, também, uma forma de acolhida. Acolhida da missão que nos foi dada em Gênesis 1, cuidar de toda a criação. Como imagens e semelhanças de Deus, temos o desafio, a missão e a obrigação de sermos cocriadores das coisas que o Senhor nos deu, ter a consciência de que “o sujeito humano presta um serviço ao plano de Deus na medida em que constrói condições mais favoráveis à vida humana na terra com avanços científicos e tecnológicos, com a construção de conjunturas sociais e políticas” (PASSOS, 2016, p.11). Ter essa

consciência de que é nossa responsabilidade o cuidado com a casa comum faz toda a diferença para o mundo e para a sociedade, e temos que compreender, também, que é missão nossa conscientizar a todos.

Surgiram muitas figuras que doam sua voz para chamar a atenção para este assunto, e muitas delas acabam sendo hostilizadas, pois, geralmente, toca na “ferida” e isso incomoda os poderosos. Temos o exemplo da jovem sueca Greta Thunberg, ativista pelo clima, que chamou atenção mundial após iniciar greves na escola e protestar ao lado de fora do parlamento de seu país. Após seu discurso na Cúpula das Nações Unidas sobre Ação Climática de 2019, recebeu várias críticas de políticos e lideranças de vários países do mundo. Ao denunciar e mostrar os maus tratos que estão fazendo com nosso planeta, toca na segurança de muitos líderes e os incomodam pois sabem que estão errados, a maneira de se defenderem é atacar. Assim acontece com Francisco quando fala sobre a Casa Comum, e diz que a responsabilidade de cuidar do planeta é de todos e que muitas vezes acabam se negando à isso

Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal (FRANCISCO, 2015, n.14).

Falar sobre a importância da casa comum é essencial. A *Laudato Si*, escrita pelo Papa Francisco em 2015, é um grande aparato para o nosso tempo, atualizada e que nos ajuda a compreender e ajudar nosso planeta com os cuidados para com a casa comum. Nela o Santo Padre pretende “entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum” (FRANCISCO, 2015, n.3).

O documento foi acolhido de imediato com grande simpatia por boa parte dos intelectuais, cristãos e ateus, por políticos e por militantes sociais como um texto inovador e corajoso. Nenhuma encíclica social gozou dessa recepção tão imediata e, em certa medida, eufórica. A temática ali abordada explica certamente essa recepção positiva (PASSOS, 2016, p.136)

A causa ecológica é, ou pelo menos deveria ser, um assunto que toca o mundo inteiro, e todas as partes da sociedade. Contudo, entre os receptores da encíclica, há várias formas de compreendê-la com suas várias hermenêuticas, deste modo, se faz necessário distingui-las:

dos que projetam nela seus ideais ambientalistas e ficam na periferia do texto daqueles que penetram em sua complexidade e acolhem sua totalidade.

Mesmo que toda recepção seja inevitavelmente seletiva, essa esconde, por certo, uma leitura seletiva mais comprometedora do ponto de vista político: a leitura ingênua e a leitura crítica, feitas, respectivamente, por sujeitos conservadores e por sujeitos progressistas (PASSOS, 2016, p.137).

Ambas podem ser leituras comprometidas, interessadas, mas “elas podem e devem passar por um juízo hermenêutico da objetividade do texto” (PASSOS, 2016, p.137). A mídia, que faz uma leitura estética, mais rápida, é ela quem

constitui uma primeira esfera de recepção da encíclica perante o grande público consumidor de novidades. Tal leitura ligou a encíclica às reformas revolucionárias de Francisco, vendo nela mais um ato espetacular do pontífice que tocou pela primeira vez em um assunto de grande atualidade (PASSOS, 2016, p.140).

Colaborou para a divulgação e recepção da encíclica *Laudato Si*, pois com sua rapidez e praticidade, favoreceram o acesso às notícias e seu conteúdo. Contudo, há ainda uma interpretação já formada pelos seus receptores, que vem de pressupostos recebidos em grupos de referências, como *websites*, por exemplo, por isso deve sempre checar o teor da informação e fazer uma leitura mais crítica do documento.

Não se pode presumir uma espécie de “recepção neutra” e objetiva do texto, acolhendo autenticamente seu conteúdo. São pessoas de várias áreas que leem a encíclica, por isso deve-se levar em conta o que a mídia condiciona direta ou indiretamente. João Décio Passos (2016) apresenta algumas tipologias de leituras que ajudam a mapear interpretações que o documento vai recebendo. Além da leitura imediata, temos a “leitura verde”, que tem uma abordagem mais ambientalista, emocional, que se preocupa e se indigna com a morte das espécies de animais e vegetais, mas não se aprofunda no assunto. A “leitura tradicional” que acolhe prestativamente a encíclica por ser palavra do papa, e a divulga dentro da Igreja e na sociedade; a “leitura oficial”, que é a acolhida da encíclica dentro da Igreja, por autoridades e membros eclesiais – bispos, padres, agentes de pastorais, etc – e que é trabalhado dentro das comunidades eclesiais, paróquias, em homilias, etc.; a “leitura militante” que acontece dentro da Igreja, recolhendo orientações como desafios para a organização pastoral; a “leitura racional” uma recepção principalmente no mundo acadêmico, com manifestações de pessoas intelectuais de peso sobre a seriedade e coragem de abordar tal tema em âmbito católico; por fim, a “leitura conservadora”, feita também por

defensores do regime capitalista, credores fiéis da autorregulação do mercado que rejeitam qualquer proposição de finalidades éticas para o seu funcionamento regular. a saúde desse regime depende dele mesmo e

dispensa os profetas ingênuos e os críticos de plantão. As análises das causas da destruição do planeta feitas pelo papa, bem como a sugestão de uma mudança de rota no sistema como um todo e na prática consumista dos grupos e indivíduos, foram recebidas como uma crítica irresponsável; foram qualificadas por vários intelectuais do liberalismo como volta ao velho "consumismo" e como crasso erro de visão dos problemas mundiais. Ademais, a defesa do direito dos pobres permanece como uma heresia perante a visão liberal e como discurso que deve ser retirado das análises da ordem global, por serem externas a ela. Das leituras elencadas, essa tem sido, certamente, a mais reativa e emocional. [...] A versão católica integrista dessa leitura se encarregou de acrescentar a Francisco o repetido qualificativo de comunista e herege (PASSOS, 2016, p143).

Dessa maneira, percebemos que o grande desafio enfrentado pelo Papa Francisco, a respeito dos escritos sobre cuidados para com a casa comum, é a questão da interpretação. A influência midiática conta muito, e apesar da encíclica ser bem acolhida mundialmente, ainda assim, surgem alguns grupos que olham de maneira desprezível, colocando seus interesses próprios à frente do assunto principal, a ponto de dizer que o cuidado com o meio ambiente é um tema secundário perante tudo o que a atualidade pede.

Portanto, diante do que foi analisado, podemos concluir que os desafios enfrentados pelo Papa Francisco em seu pontificado não são atuais e já existem há um bom tempo, mas estão "saindo do armário"

Este "sair do armário" significa [...] a proliferação de manifestações de resistência e combate contra pessoas, grupos e até entidades oficiais da Igreja (tais como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que se portam de modo contrário ao que supõem ser a "verdadeira tradição da Igreja" (PASSOS, J. D.; JESUS, L. N. DE, 2020, p.652).

Assim, no primeiro tópico percebe-se que o desafio do fundamentalismo gera divisões e causa muitos conflitos na sociedade, causando a falta de diálogo, e essa falta de diálogo gera um egoísmo que vai formando uma sociedade fechada em si mesmo. Já em relação ao tradicionalismo – segundo tópico – mais presente dentro da Igreja, contata-se que em relação à uma atualização ou reforma dentro da Igreja, como foi após o Concílio Vaticano II, surgiram muitas pessoas que foram contra, e não aceitaram, a mudança, mantendo uma postura cismática e rígida, sobretudo quando é algum assunto relacionado à doutrina da Igreja. já no terceiro tópico, sobre a casa comum, a falta de atenção que é dada para assuntos como ecologia e meio ambiente, a falta de cuidado para com a casa comum gera desigualdade e problemas sociais. Todos estes desafios atrapalham o acolhimento, e automaticamente a não construção da cultura do encontro.

## CAPITULO II

### A IMPORTÂNCIA DE UMA IGREJA ACOLHEDORA

Neste segundo capítulo, veremos a importância do acolhimento na Igreja. Em três pontos, poderemos compreender como é importante a acolhida. No primeiro ponto percorrendo as Sagradas Escrituras, veremos o acolhimento no Antigo Testamento, como deveriam ser acolhidos os estrangeiros, e andarilhos. Passando pelo Novo Testamento, veremos a maneira como Jesus acolhia aqueles que vinham ao seu encontro, e como isso mudou a vida dos pecadores que encontravam em Jesus a Misericórdia e não o julgamento. Continuando no Novo Testamento, veremos a acolhida nos Atos dos Apóstolos e nos escritos paulinos, e como isso influenciou para o crescimento da Igreja e a decisão de tomada de fé nos primórdios da Igreja.

Mais atual, no segundo ponto, adentraremos o Concílio Vaticano II, abordaremos o tema da acolhida nas constituições deste concílio: na Pastoral com a *Gaudium et Spes*, e sobre a Igreja com a *Lumen Gentium*.

No terceiro ponto deste capítulo veremos como os Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI citam o Concílio Vaticano II em seus discursos inaugurais ou nas primeiras missas após a eleição e aceite do pontificado, e como isso influencia para uma Igreja que acolhe e que está aberta aos apelos da atualidade.

#### 2.1. O acolhimento nas Sagradas Escrituras

A acolhida é algo muito importante e fundamental na Igreja, por isso, veremos que na Bíblia, desde o Antigo Testamento, que o acolhimento é essencial para uma boa convivência, e regra para a vida daquele que crê.

Acolhida não é somente para com pessoas, mas é também acolher a vontade de Deus em nossas vidas. Estar atentos aos sinais dos tempos, e perceber que o Senhor vem ao nosso encontro, e muitas vezes vem como um simples andarilho ou um estrangeiro. Por isso é preciso a atenção, e sempre estar disposto a acolher qualquer pessoa que seja, como se fosse o próprio Deus.

##### 2.1.1. Acolhida no Antigo Testamento

Em Gênesis, temos o relato de Abraão e Sara, que recebem a visita do Senhor:

Levantando os olhos, Abraão viu na sua frente três homens de pé. Ao vê-los, correu da entrada da tenda ao encontro deles e se prostrou por terra, dizendo: “Senhor, se alcancei o seu favor, não passe junto ao seu servo sem fazer uma parada. Vou mandar que tragam água para que vocês lavem os pés e descansem debaixo da árvore. Vou trazer um pedaço de pão e vocês poderão recuperar as forças antes de partir; foi para isso que passaram junto ao servo de vocês”. Eles responderam: “Está bem. Faça o que está dizendo”. Abraão entrou correndo na tenda onde estava Sara, e disse a ela: “Depressa! Tome vinte e um litros de flor de farinha, amasse-os e faça um pão grande”. Depois Abraão correu até o rebanho, escolheu um vitelo novo e bom, e o entregou ao empregado, que se apressou em prepará-lo. Pegou também coalhada, leite e o vitelo que havia preparado, e colocou tudo diante deles. E os atendia debaixo da árvore enquanto eles comiam (Gn 18,2-8).

Abraão reconhece o Senhor, e o acolhe com tudo de melhor que poderia oferecer: água, alimentos e descanso. Após o diálogo com Abraão e Sara (cf. Gn 18) temos o relato de Ló. Talvez este seja um dos relatos mais propício para falarmos de acolhida.

Ló, ao avistar os dois homens na praça, vai ao encontro deles e oferece pouso em sua casa:

Ao anoitecer, os dois anjos chegaram a Sodoma. Ló estava sentado à porta da cidade e, ao vê-los, levantou-se para os receber e prostrou-se com o rosto por terra. E disse: “Senhores, fiquem hospedados em casa do seu servo, lavem os pés e, pela manhã, continuarão seu caminho” (Gn 19,1-2).

Ao acolher os dois “anjos” em sua casa, aparecem moradores da cidade querendo ter relações com os mesmos, apenas por serem estrangeiros, e Ló intervém, pedindo para que não façam isso, pois eram hóspedes em sua casa.

A falta de acolhida da população de Sodoma e Gomorra para com os estrangeiros, causa ira no Senhor, que, após pedir a saída de Ló e sua família (pois eram justos), extermina a cidade junto de seus moradores (cf. Gn 19).

Um relato semelhante há em Juízes 19, 11ss, onde um levita, junto de sua concubina e seu servo, entra na cidade de Gabaá e se hospedam na casa de um velho, que também era estrangeiro naquela cidade. Ao se hospedarem, durante a noite, vizinhos rodeiam a casa e procuram o levita para o usarem. Ao tentar invadir a casa, levam a concubina, abusam dela a noite toda e ao amanhecer, deixam ela morta na porta da casa. O relato da falta de acolhida desse povo resulta sempre em castigo. Pois também eles eram estrangeiros quando estavam no Egito. E, diante dessa falta

de acolhimento para com os estrangeiros e peregrinos, o Senhor pede à Moisés, que escreva também essa lei:

“Quando um imigrante habitar com vocês no país, não o oprimam. O imigrante será para vocês um concidadão: você o amará como a si mesmo, porque vocês foram imigrantes na terra do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês” (Lv 19,33-34).

Acolher um estrangeiro, um imigrante, é acolher um irmão. E acolhendo um irmão estamos acolhendo Deus, a sua lei e seus mandamentos.

### **2.1.2. Acolhida no Novo Testamento**

Em toda a bíblia, Jesus é o maior exemplo de acolhida. Durante sua vida pública, acolheu a todos com amor, compaixão e misericórdia, dando-nos o exemplo de como deveríamos fazer (cf. Jo 13,15).

Jesus sentava-se à mesa de pecadores e ceava com eles, como fez com Zaqueu:

Havia aí um homem chamado Zaqueu: era chefe dos cobradores de impostos, e muito rico. Zaqueu desejava ver quem era Jesus, mas não o conseguia, por causa da multidão, pois ele era muito baixo. Então correu na frente e subiu numa figueira para ver, pois Jesus devia passar por aí. Quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse: “Desça depressa, Zaqueu, porque hoje preciso ficar em sua casa.” Ele desceu rapidamente e recebeu Jesus com alegria. Vendo isso, todos começaram a criticar, dizendo: “Ele foi se hospedar na casa de um pecador!” Zaqueu ficou de pé e disse ao Senhor: “A metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres; e, se roubei alguém, vou devolver quatro vezes mais.” Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também este homem é um filho de Abraão. De fato, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.” (Lc 19,2-10).

A presença acolhedora de Jesus fez com que Zaqueu se sentisse amado e se arrependesse de seus pecados. Como visto no texto, todos criticavam Jesus por estar na casa de um pecador público, Jesus sabia quem era Zaqueu e o que ele havia cometido, mas foi o único que não o julgou. Jesus enxerga Zaqueu como um filho que precisa de amor, que precisa ser amado. Zaqueu reconhece seus pecados e percebe que o bem mais precioso que ele poderia ter é Jesus, por isso decide devolver, com acréscimo, tudo o que roubou.

Outra passagem muito significativa é a cura dos dez leprosos:

Caminhando para Jerusalém, aconteceu que Jesus passava entre a Samaria e a Galileia. Quando estava para entrar num povoado, dez leprosos foram ao encontro dele. Pararam de longe e gritaram: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!” Ao vê-los, Jesus disse: “Vão apresentar-se aos sacerdotes.” Enquanto caminhavam, aconteceu que ficaram curados. Ao perceber que

estava curado, um deles voltou atrás dando glória a Deus em alta voz. Jogou-se no chão, aos pés de Jesus, e lhe agradeceu. E este era um samaritano. Então Jesus lhe perguntou: “Não foram dez os curados? E os outros nove, onde estão? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro?” E disse a ele: “Levante-se e vá. Sua fé o salvou.” (Lc 17,11-19).

Vemos que se aproximam dez leprosos, e fazem um pedido à Jesus. Jesus não os cura, mas pede que se apresentem aos sacerdotes. Durante o caminho são curados, e um deles ao perceber, retorna glorificando à Deus e chega até Jesus para agradecê-lo. Jesus percebe que o único que voltou é um estrangeiro, e questiona sobre os outros conterrâneos, que não voltaram para louvar a Deus. Jesus acolhe o pedido dos dez, mas somente um é salvo, e este um é justamente um estrangeiro. A acolhida ao estrangeiro também fez parte do ministério de Jesus, pois Ele veio para salvar a todos.

Em Atos dos Apóstolos, temos o relato de Paulo e Barnabé, que anunciavam a boa nova aos judeus, mas eram rejeitados por eles, então se dedicam a anunciar aos pagãos, que acolhem com alegria a Palavra de vida eterna:

Paulo e Barnabé declararam: “Era preciso anunciar a palavra de Deus, em primeiro lugar para vocês, que são judeus. Porém, como vocês a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, saibam que nós vamos dedicar-nos aos pagãos. Porque é esta a ordem que o Senhor nos deu: ‘Eu coloquei você como luz para as nações, para que leve a salvação até aos extremos da terra.’” Os pagãos ficaram muito contentes quando ouviram isso, e começaram a elogiar a palavra do Senhor. E todos os que estavam destinados à vida eterna abraçaram a fé (At 13,46-48).

Acolheram com alegria, pois eram rejeitados pelos judeus por não seguirem a mesma doutrina. Anunciar a Boa nova aos pagãos, é também acolher, pois o anúncio do Reino de Deus é para todos. E quando esse anúncio é aceito pelos pagãos, também há da parte deles uma acolhida, a acolhida da fé, da salvação. Portanto, uma acolhida de ambos os lados, de quem anuncia, e de quem ouve.

## **2.2. O acolhimento pastoral nos documentos do Concílio Vaticano II**

O Concílio Vaticano II teve uma grande importância para a Igreja, sobretudo quando se trata de acolhida, pois a partir deste concílio, ela pode abrir as portas para acolher, se voltar para as pessoas, com olhar atento e amoroso. Por este motivo, neste tópico veremos como as constituições *Gaudium et Spes* (GS) e *Lumen Gentium* (LG) abordam o tema da acolhida, já que o concílio Vaticano II traz um *aggiornamento*

(atualização) nesta nova configuração de Igreja, com uma abertura maior para os fiéis leigos, e uma visão mais atualizada sobre o mundo.

### **2.2.1. Pastoral acolhedora na *Gaudium Et Spes***

A constituição apostólica *Gaudium et Spes* (Paulo VI, 2011) vai abordar a questão pastoral da Igreja. Pastorear é estar com os fiéis, acolhendo suas alegrias e aflições, por isso, logo de início, em seu próêmio, diz que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (PAULO VI, *Gaudium et Spes*, 2011, n.1). A Igreja, sobretudo com seus discípulos, tem de estar atenta às necessidades de seu rebanho, e por isso, ter os mesmos sentimentos que os seus fiéis, é ter compaixão, estar próximo, acompanhando, partilhando e sobretudo ouvindo seus anseios.

O concílio tem uma preocupação especial com o ser humano, e isso vai ser abordado na *Gaudium et Spes*:

O Concílio, testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do gênero humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade (PAULO VI, *Gaudium et Spes*, 2011, n.3).

Em meio à um mundo onde há diversas expressões de fé e cultura, há também muitas tentações e obstáculos que podem tirar o homem do seu caminho principal, que é o que o leva à Deus, pois essa é a finalidade do homem. Assim, é necessário que os pastores estejam atentos aos sinais dos tempos, prontos para acolher aqueles que se desviaram do caminho, mas tem o desejo de conversão, e para isso é necessário a acolhida, e essa acolhida deve ser com misericórdia, pois muitos filhos voltam machucados à casa do Pai, sem esperança, famintos, nus, com a dignidade roubada pelos percalços da vida.

Por isso, a Igreja de Cristo, confiando no desígnio do Criador, ao mesmo tempo que reconhece que o progresso humano pode servir para a verdadeira felicidade dos homens, não pode deixar de repetir aquela palavra do Apóstolo: “não vos conformeis com este mundo” (Rm. 12,2), isto é, com aquele espírito de vaidade e malícia que transforma a atividade humana,

destinada ao serviço de Deus e do homem, em instrumento de pecado (PAULO VI, *Gaudium et Spes*, 2011, n.37).

Portanto, ajudar o homem caído superar as feridas do pecado, a fim de que novamente de pé, esteja pronto para anunciar a Boa Nova do Cristo Ressuscitado, e, tocado pelo amor de Jesus que fora anunciado pela Igreja, seja ele, também, um discípulo renovado.

### **2.2.2. Igreja acolhedora na *Lumen Gentium***

A constituição dogmática *Lumen Gentium* (Paulo VI, 2011), aborda sobretudo o tema eclesiológico, isto é, a Igreja. Já no primeiro parágrafo deixa claro:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal (PAULO VI, *Lumen Gentium*, 2011, n.1).

É missão da Igreja, anunciar o Evangelho a todos homens, a todas as criaturas sem fazer distinção ou preferência. Por isso vai afirmar que a Igreja é como um sacramento, ou sinal, isto é, por ela, Cristo deve ser conhecido no mundo, sua missão é fazer discípulos batizando-os em nome da Trindade (cf. Mt 28,19) e dispensando os sacramentos necessários para a edificação e salvação do homem. Assim, ela deve estar disposta a acolher toda e qualquer pessoa que venha até ela. Orientando e conduzindo as pessoas a viverem uma vida de santidade, e testemunho da verdade, pois ela é “coluna e sustentáculo da verdade” (1Tm 3,15) que é o Cristo Senhor.

Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia quer façam parte da grei, são chamados à santidade segundo a palavra do Apóstolo: “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Tes 4,3; cf. Ef 1,4). Esta santidade da Igreja manifesta-se incessantemente e deve manifestar-se nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em todos aqueles que, de harmonia no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, edificando os outros, mas de modo particular, evidencia-se na prática dos conselhos que ordinariamente se chamam evangélicos (PAULO VI, *Lumen Gentium*, 2011, n.39).

A Igreja tem, portanto, essa missão de ensinar, educar e auxiliar seus membros a caminharem rumo à eternidade, a glória eterna manifestada na ressurreição de Jesus Cristo.

A Igreja intimamente ligada à Cristo, tem também esse papel materno, por isso é comparada à Virgem Maria, que:

Pelo dom e cargo da maternidade divina, que a une com seu Filho Redentor, e ainda pelas suas graças e prerrogativas singulares: a Mãe de Deus é a figura da Igreja, como já ensinava santo Ambrósio, quer dizer, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. De fato, no mistério da Igreja, a qual também se chama com razão virgem e mãe, á Santíssima Virgem Maria pertence o primeiro lugar, por ser, de modo eminente e singular, exemplo de virgem e de mãe. Pois, pela sua fé e obediência, gerou na terra o próprio filho de Deus-Pai: sem conhecer varão, mas pelo poder do Espírito Santo, acreditando sem exitar, qual a nova Eva, não na antiga serpente, mas no mensageiro divino. Deu à luz o Filho, a quem Deus constituiu primogênito entre muitos irmãos (cf. Rm. 8,29), isto é, entre os fiéis em cuja geração e formação ela coopera com amor de mãe. (PAULO VI, *Lumen Gentium*, 2011, n.63)

A Igreja, mãe que gera os homens para a fé, no batismo, nos dá o Cristo, nosso Senhor e Salvador, e nos faz participantes do banquete celeste, que, já aqui na terra, nos é servido na Eucaristia e na Palavra viva que é proclamada pelos seus membros. Ela nos acolhe como todo amor, para que, filhos dela, sejamos também acolhedores dos novos membros, e assim sermos todos “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5, 13-14). sinais da graça que nos é dada por Jesus, e comunicadores da Boa Nova, continuando a evangelização e promovendo um verdadeiro e autêntico encontro com Jesus.

### **2.3. O acolhimento pastoral pelos papas do pós-concílio Vaticano II**

Neste terceiro ponto, veremos os discursos inaugurais dos papas do pós-Concílio – Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI – pelo discurso, teremos uma base de como será exercido o seu pontificado, e como seguirão o Concílio Vaticano II.

Paulo VI vai dar continuidade ao concílio e deixa claro que trabalhará para isso:

A parte mais importante do nosso pontificado será ocupada pela continuação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Esta será a principal obra a que queremos consagrar todas as energias que o Senhor nos deu para que a Igreja Católica, que resplandece no mundo como a bandeira erguida sobre todas as nações distantes, possa atrair a ela todos os homens com majestade de seu organismo, pela juventude de seu espírito, pela renovação de suas estruturas, pela multiplicidade de suas forças, para que venham todas as tribos e línguas, povos e nações (PAULO VI, 1963)

O acolhimento deste novo papa aos planos que o Espírito Santo propôs à Igreja, pelas mãos de seu antecessor, o Papa João XXIII, dará um rumo à Igreja que olha com discernimento e sabedoria para o novo tempo, um tempo que necessita de

atenção e compreensão, por isso afirma: “O nosso trabalho, com a ajuda de Deus, será também orientado para fazer todos os esforços para manter o grande bem da paz entre os povos” (PAULO VI, 1963).

O Papa João Paulo II, sucessor de Paulo VI, também deseja colocar em prática o Concílio Vaticano II, acolhendo os projetos e planos propostos pelos seus antecessores: “Primeiramente, desejamos insistir na permanente importância do Concílio Ecumênico Vaticano II, e é para Nós obrigação explícita garantir-lhe a devida execução” (JOÃO PAULO II, 1978).

A necessidade de colocar em prática o Concílio Vaticano II é de suma importância para a Igreja e para o mundo, João Paulo II tem um olhar todo especial para com a Igreja, Corpo de Cristo, por isso, em seu discurso, falará em especial sobre a *Lumen Gentium*, assim, seu pontificado também terá um viés mais atento aos anseios e necessidades da Igreja:

[...] mas um especialmente deverá ser o setor que maiores cuidados há de requerer, isto é o da eclesiologia. Necessário, veneráveis Irmãos e diletos Filhos do mundo católico, retomar na mão a "*magna charta*" conciliar, que é a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, para uma renovada e corroborante meditação sobre a natureza e a função, sobre o modo de ser e de operar da Igreja, não só para realizar cada vez melhor aquela comunicação vital, em Cristo, de todos quantos n'Ele esperam e crêem, mas também com a intenção de contribuir para mais ampla e mais íntima unidade de toda a família humana (JOÃO PAULO II, 1978).

Este olhar para a Igreja seguindo o que pede o Concílio Vaticano II é acolher os planos do Espírito Santo, renovando cada vez mais a obra salvífica e mostrando que a Igreja, “sacramento de salvação” (LG 1), está atualizada e acolhendo também as novas realidades que surgem ao longo do tempo.

Bento XVI, em seu discurso aos cardeais, vai deixar claro que trabalhará em prol da unidade da Igreja e do diálogo para com outras religiões, diz que não poupará esforços nem energia para trabalhar para uma “reconstituição da plena e visível unidade de todos os seguidores de Cristo” (BENTO XVI, 2005), que isso não é somente um compromisso que ele firma, mas uma ambição e um impulsivo dever.

Prosseguirá, assim como seus antecessores, o procedimento de colocar em prática o Concílio Vaticano II, cujo os documentos são atuais e cada vez mais pertinentes à Igreja e a sociedade atual. Além disso, colocará em prática o diálogo ecumênico, a fim de criar uma sociedade mais fraterna:

Com esta consciência dirijo-me a todos os que seguem outras religiões ou que simplesmente procuram uma resposta para os interrogativos fundamentais da existência e ainda não a encontraram. Dirijo-me a todos com

simplicidade e afeto, para garantir que a Igreja quer continuar a tecer com eles um diálogo aberto e sincero, na busca do verdadeiro bem do homem e da sociedade (BENTO XVI, 2005).

Vemos, então, os esforços dos papas posteriores ao Concílio Vaticano II, de colocarem em prática o que foi proposto, e assim, conseguimos perceber que também o Papa Francisco continua este seguimento.

A eclesiologia do Papa Francisco não é feita somente de teorias, ideias ou concepções, mas de ações e gestos densos de significados cristológico, antropológico e eclesiológico. Francisco consegue falar tanto aos teólogos e estudiosos da Igreja, [...] quanto às pessoas comuns que captam atentamente suas palavras, mas valorizam sobretudo seus gestos (AURÉLIO, 2016, p.195).

Para colocar realmente em prática tudo o que foi proposto pelo Concílio Vaticano II ainda tem muito caminho a percorrer, mas percebe-se, que, aos poucos, os papas foram se inserindo nessa realidade, cada um contribuiu de alguma forma para que a Igreja se atualizasse como proposto. Ainda é muito atual o Concílio, por isso os sucessores de Pedro, se esforçam para poderem observar tudo o que foi proposto.

Concluimos então que, acolher é também algo bíblico, e que centrado na Palavra, devemos ser como Jesus, acolher sem julgar, pois se Ele que é o Juiz de todos ao se encontrar com pecadores os acolheu perdoando-os, e os ensinou que não deveriam mais pecar, assim também nós devemos ter essa mesma acolhida, sem apontar o dedo, mas olhando cada pessoa como filho ou filha de Deus. Nos documentos do Concílio Vaticano II percebemos que a atualização da Igreja para uma abertura é um acolhimento em vista dos sinais dos tempos, e essa abertura foi necessária para continuar o trabalho de evangelização e anúncio da Palavra. E com os papas pós-conciliares, constatamos que o Concílio foi necessário e urgente, e que o Papa Francisco continuando o percurso de colocar em prática o Concílio Vaticano II, caminhamos para uma Igreja acolhedora, que não só abre as portas, mas vai ao encontro do outro.

## CAPÍTULO III

### O ACOLHIMENTO NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO

Este capítulo será uma resposta aos desafios apresentados anteriormente. À luz da “cultura do encontro”, apontaremos como Papa Francisco trabalha a questão do acolhimento. Para isso usaremos algumas de suas meditações, homilias, livros, exortações, encíclicas e mensagens em geral. Respondendo aos questionamentos sobre a falta de diálogo, Francisco aponta que para uma sociedade conseguir caminhar bem o diálogo é essencial. Em resposta ao fundamentalismo religioso e ao tradicionalismo, veremos no segundo ponto, com a ajuda da *Gaudete et Exultate* (2018) como ele aponta duas heresias que ainda se encontram na Igreja, o gnosticismo e o pelagianismo, que se assemelham muito aos desafios anteriormente citados, e como combater essas heresias na Igreja. no terceiro ponto, o Papa nos apresenta, na *Laudato SI* (2015), algumas orientações e ações para os cuidados com a casa comum.

No dia 13 de setembro de 2016, meditando sobre a perícopé da viúva de Naim (cf. Lc 7,11-17), que foi o Evangelho do dia, o Papa Francisco, faz um convite para trabalharmos pela “cultura do encontro”, refletindo sobre o encontro que Jesus teve com a viúva que chorava a morte de seu filho enquanto caminhava para sepulta-lo. Neste encontro, Jesus não sente somente tristeza por ela, mas compaixão, sente as dores que aquela mãe estava sentindo, e indo ao seu encontro, pede para que não chores, e ao tocar o caixão, dá novamente a vida ao jovem, entregando-o à sua mãe.

É este o encontro que o Papa nos propõe, que, ao nos depararmos com algum irmão ou irmã que passa por alguma necessidade ou sofrimento, façamos estes exercícios de sentir compaixão. Na homilia ele propõe à cada cristão que, ao aproximar de alguém, não fiquemos somente com “dó” da pessoa, mas que nos aprofundemos em nossos sentimentos:

não só vendo mas olhando, não apenas ouvindo mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, não só dizendo “que pena, pobrezinhos!” mas deixando-se arrebatado pela compaixão; e depois aproximar-se, tocar e dizer: “Não chores” e dar pelo menos uma gota de vida. (FRANCISCO, 2016)

O encontro que Jesus faz com a viúva devolve a ela a esperança e o seu filho, pois era o bem mais precioso que ela tinha, é um encontro que dá a vida, faz viver, dar um novo sentido na vida de ambos. Diante disso, vemos que acolher a dor do outro, as dificuldades e compreender tudo isso, nos ajuda a acolher nossos irmãos com mais compaixão e amor. Por isso, apontaremos a importância da acolhida presente no pontificado do Papa Francisco.

### **3.1. Acolhimento e diálogo**

O diálogo é algo essencial na vida do ser humano. Para que haja um verdadeiro acolhimento, deve haver o diálogo. E como vimos no primeiro capítulo, a falta do diálogo causa um afastamento entre as pessoas, e assim, não gera um acolhimento o que provoca automaticamente a falta do encontro com o outro. No pontificado do Papa Francisco dialogar é um exercício fundamental, pois é o modo de se criar vínculos, e compreender o outro, estabelecer relações com pessoas, sociedade, Igrejas e outras religiões, povos e culturas.

O Papa entende que dialogar é um modo de ser cristão e ser Igreja, configura a própria identidade humana e religiosa. Mas diálogo é conteúdo da própria fé no Deus Trindade que tem natureza relacional na comunhão das pessoas divinas e que se relaciona com o mundo e com a história humana, tendo seu ápice na encarnação do Filho (WOLFF, 2018, p.7).

O diálogo cria, dá vida e aproxima as pessoas, não existe egoísmo quando há o diálogo, pois, é preciso que tenha um outro sujeito para se comunicar, e essa comunicação também gera conhecimento, e o conhecimento nos tira da ignorância, podendo compreender o outro. Dialogar é “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato [...]. Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar” (FRANCISCO, 2020, n.198).

Em meio às dificuldades e obstáculos, o diálogo deve ser uma atitude de acolhimento na verdade e no amor para com todos, crentes ou não, católicos ou de outras religiões, vencendo assim, o fundamentalismo que possa surgir em ambos os lados. Em meio à indiferença, ao egoísmo e a violência, uma opção para vencer esses obstáculos é o diálogo. O dialogar está presente em todos os âmbitos sociais, e deve ser sempre aberto à verdade, pois quando há um diálogo, deve haver também a capacidade de dar e receber.

Um país cresce quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura económica e a cultura da família, e a cultura dos meios de mídias (FRANCISCO, 2013)

É preciso ter cuidado para que o diálogo não seja confundido com trocas de opiniões em tons agressivos, na maioria dos casos são informações desencontradas repassadas por mídias sem fontes confiáveis. Isso deixa de ser diálogo e se torna um monólogo. Quando some o diálogo, some também a preocupação com o bem comum, se torna “meras negociações visando a obtenção de poder e de maiores vantagens possíveis, sem uma busca conjunta capaz de gerar o bem comum” (FRANCISCO, 2020, n.202).

Um bom diálogo vai além dos interesses próprios. Sabe acolher a opinião do outro, e sabe expor de forma autêntica a sua própria opinião, e ambos, seguros de suas convicções partilham e contribuem para o crescimento de uma sociedade mais fraterna

O diálogo social autêntico inclui a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, admitindo a possibilidade de que nele contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem uma contribuição a fazer, e é desejável que aprofunde e exponha sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento – isso, de uma maneira ou de outra, beneficiará a sociedade; mas isso só pode ocorrer realmente à medida que tal desenvolvimento acontecer no diálogo genuíno e na abertura aos outros (FRANCISCO, 2020, n.203).

Dialogar faz parte da evangelização, pois o anúncio do Evangelho se dá no diálogo, Jesus anunciou o Reino de Deus dialogando, Ele é a Palavra (cf. Jo 1,1) que se revela aos homens

Pela revelação divina quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação dos homens, “para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana” (PAULO VI, 2011, n.6)

Assim sendo, a Igreja deve estar aberta ao diálogo, pois sua missão é ir ao encontro dos homens, ser missionária (cf. Mt 28,19),

cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (FRANCISCO, 2014, n.238).

Deve ser um diálogo que promova a paz e que ajude no pleno desenvolvimento humano, cultural e social, pois a Igreja se encontra no mundo, é uma Igreja milenar é universal, por este motivo deve incentivar um diálogo com autoridades nacionais e internacionais, contribuindo para que haja uma promoção do bem comum.

No diálogo com o Estado e com a sociedade, a Igreja não tem soluções para todas as questões específicas. Mas, juntamente com as várias forças sociais, acompanha as propostas que melhor correspondam à dignidade da pessoa humana e ao bem comum. Ao fazê-lo, propõe sempre com clareza os valores fundamentais da existência humana, para transmitir convicções que possam depois traduzir-se em ações políticas (FRANCISCO, 2014, n.241).

O diálogo ecumênico também é muito importante para a promoção da cultura do encontro, pois dialogar com as pessoas que professam outra fé é ir ao encontro, fazer cumprir a oração de Jesus “que todos sejam um” (Jo 17,21), e superar as divisões, lembrando sempre que todos somos irmãos, e que estamos neste mundo somente de passagem e devemos caminhar todos juntos, “para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus (FRANCISCO, 2014, n.244).

Compreende-se, portanto, que o diálogo é ponto essencial para que haja uma cultura do encontro, e um acolhimento para com o outro. O diálogo nos faz crescer, nos ensina, adquirimos experiências e conhecimentos, pois há uma troca de informações que nos ajudam a compreender o outro, e entender seus anseios. Assim o Papa Francisco nos mostra que a base para o acolhimento é o diálogo,

Quando os líderes dos diferentes setores me pedem um conselho, a minha resposta é sempre a mesma: diálogo, diálogo, diálogo. A única maneira para uma pessoa, uma família, uma sociedade crescer, a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom. O outro tem sempre algo para nos dar, desde que saibamos nos aproximar dele com uma atitude aberta e disponível, sem preconceitos. Esta atitude aberta, disponível e sem preconceitos, eu a definiria como «humildade social» que é o que favorece o diálogo. Só assim pode crescer o bom entendimento entre as culturas e as religiões, a estima de umas pelas outras livre de suposições gratuitas e num clima de respeito pelos direitos de cada uma. Hoje, ou se aposta no diálogo, na cultura do encontro, ou todos perdemos (FRANCISCO, 2013).

Que possamos, como Igreja, nos abrir ao diálogo para criar uma sociedade que saiba ouvir e transmitir tudo o que recebemos de Jesus pela nossa fé.

### 3.2. Acolhimento para com todos

Assim como o diálogo, acolher também é promover uma cultura do encontro, contudo, é preciso romper algumas barreiras e acabar com algumas dificuldades presentes na Igreja que atrapalham a acolhida e automaticamente a cultura do encontro. Como apresentado no primeiro capítulo dois desafios ainda atuais vividos pela Igreja que atrapalham o acolhimento são o fundamentalismo e o tradicionalismo, ambos precisam serem extintos da Igreja, para que haja realmente uma cultura do encontro, e que contribua para a aplicação do Concílio Vaticano II.

Sutilmente, estão presentes na Igreja duas heresias que se aproximam muito do fundamentalismo e do tradicionalismo, são elas: gnosticismo e pelagianismo. O Papa Francisco nos apresenta essas duas heresias como “dois inimigos da santidade” (cf. Francisco, 2018), pode-se dizer que também são inimigos da acolhida, inimigos da cultura do encontro.

O gnosticismo apresenta uma fé fechada em si mesmo, no subjetivismo, onde somente a experiência do indivíduo é válida, não importando outro tipo de experiência e nenhuma vivência de fé. o Gnóstico se fecha em si, tendo ele mesmo como centro de sua fé, isto é, seu conhecimento intelectual é o que vale, e o que o torna uma pessoa boa capaz de chegar à salvação.

O gnosticismo é uma das piores ideologias, pois, ao mesmo tempo que exalta indevidamente o conhecimento ou uma determinada experiência, considera que a sua própria visão da realidade seja a perfeição. Assim, talvez sem se aperceber, esta ideologia autoalimenta-se e torna-se ainda mais cega. Por vezes, torna-se particularmente enganadora, quando se disfarça de espiritualidade desencarnada. Com efeito, o gnosticismo, “por sua natureza, quer domesticar o mistério”, tanto o mistério de Deus e da sua graça, como o mistério da vida dos outros (FRANCISCO, 2018, n. 40).

O papa chama a atenção para aquelas pessoas que tem resposta para tudo, porque não é comum uma pessoa saber tudo e ter respostas para todas as coisas, isto acaba se tornando um falso profetismo, e é algo muito grave, pois engana os mais simples, e acaba usando a religião para o seu benefício próprio, visto que

Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que o encontramos, já que não dependem de nós o tempo, nem o lugar, nem a modalidade do encontro. Quem quer tudo claro e seguro, pretende dominar a transcendência de Deus (FRANCISCO, 2018, n. 41).

O mistério de Deus é tremendo, e Ele está, misteriosamente, presente na vida de toda pessoa, assim sendo, ninguém pode definir onde Deus não se encontra. Por mais que a vida de alguém seja uma vida desastrosa, ou cheia de vícios, Deus também está presente, pois ninguém pode deter Deus nem a sua graça. “Podemos e devemos procurar o Senhor em cada vida humana. Isto faz parte do mistério que as mentalidades gnósticas acabam por rejeitar, porque não o podem controlar” (FRANCISCO, 2018, n.43), assim, é necessário nos deixarmos ser guiados pelo Espírito Santo, mais do que pelos nossos raciocínios, e não é porque sabemos algo, ou achamos que sabemos explicar algo com uma certa lógica, que devemos julgar sermos melhor que os outros ou mais santos que os outros, antes, é necessário colocarmos o que sabemos em prática, a fim de que seja colocado à serviço do próximo, no amor, pois “aquilo que julgamos saber sempre deveria ser motivação para responder melhor ao amor de Deus, porque ‘se aprende para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável’” (FRANCISCO, 2018, n.45)

O outro inimigo da santidade é o pelagianismo, uma outra heresia que está ainda presente dentro da Igreja, e que tomou o lugar do gnosticismo. É o mesmo erro do gnosticismo que não foi superado, mas transformado.

o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram, assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade. Esquecia-se que “isto não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso” (Rm 9,16) e que Ele “nos amou primeiro” (1Jo 4,19). (FRANCISCO, 2018, n.48).

Deixam a Graça de Deus de lado, confiando somente em sua vontade, e suas próprias forças, apesar de pregarem tal graça, mas não o fazem na prática.

Quem se conforma a esta mentalidade pelagiana ou semipelagiana, embora fale da graça de Deus com discursos suaves, “no fundo, só confia nas suas próprias forças e sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a certo estilo católico” (FRANCISCO, 2018, n.49).

Querer ser superior ao outro, ou se achar superior, apenas por seguir corretamente as normas, e somente as normas, não faz desta pessoa um santo, mas um arrogante, pois devemos reconhecer que todos somos fracos, e temos nossas limitações, e quando alcançamos algo bom em nossa vida, isso é dado pela graça de Deus. Claro que tem o esforço de cada um, mas sem a graça, o esforço é vão, pois a Igreja ensina “que não somos justificados pelas nossas obras ou pelos nossos

esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa” (FRANCISCO, 2018, n.52), e mais

*o Catecismo da Igreja Católica* nos lembra que o dom da graça “ultrapassa as capacidades da inteligência e as forças da vontade humana” e que, “em relação a Deus, não há, da parte do homem, mérito no sentido dum direito estrito. Entre Ele e nós, a desigualdade é sem medida”. A sua amizade supera-nos infinitamente, não pode ser comprada por nós com as nossas obras e só pode ser um dom da sua iniciativa de amor. Isto convida-nos a viver com jubilosa gratidão por este dom que nunca mereceremos, uma vez que, “depois dum pessoa já possuir a graça, não pode a graça já recebida cair sob a alçada do mérito” (FRANCISCO, 2018, n.54).

Acolher a graça de Deus em nossa vida, deveria ser como “caraterizar o nosso estilo de vida, porque bebe do coração do Evangelho e convida-nos não só a aceitá-la com a mente, mas também a transformá-la numa alegria contagiosa” (FRANCISCO, 2018, n.55), uma alegria que celebra a amizade com o Senhor, reconhecendo que é dom gratuito dado à nós, e que nossa capacidade de reconhecer e receber essa amizade é dom de Deus.

Reconhecer que tudo o que temos, é dom de Deus e nos é dado por graça, é vencer os pecados que nos afastam dos irmãos, pois com a mesma alegria que recebemos a graça, devemos também transmiti-la, assim, precisamos testemunhar o que Deus faz em nossas vidas, e testemunhando, evangelizamos, e se evangelizamos, criamos assim, uma cultura do encontro, de acolhimento.

Perceber que nas pequenas coisas, nos detalhes, Deus se mostra e mostra que está agindo sem que mereçamos, mas pela sua misericórdia. Ele vem ao nosso encontro, e somente pelo “dom de Deus livremente acolhido e humildemente recebido, é que podemos cooperar com os nossos esforços para nos deixarmos transformar cada vez mais” (FRANCISCO, 2018, n.56).

Vendo que todo o tipo de intolerância fundamentalista danifica as relações entre pessoas, grupos e povos, comprometamo-nos a viver e ensinar o valor do respeito, o amor capaz de aceitar as várias diferenças, a prioridade da dignidade de todo o ser humano sobre quaisquer ideias, sentimentos, atividades e até pecados que possa ter. Enquanto os fanatismos, as lógicas fechadas e a fragmentação social e cultural proliferam na sociedade atual, um bom político dá o primeiro passo para que se ouçam as diferentes vozes. É verdade que as diferenças geram conflitos, mas a uniformidade gera asfixia e neutraliza-nos culturalmente. Não nos resignemos a viver fechados num fragmento da realidade (FRANCISCO, 2020, n.191).

Que possamos vencer os pecados do gnosticismo e do pelagianismo. Que a Igreja seja liberta destes dois males que são também fundamentalismo e tradicionalismo, que a torna um lugar de julgamento e não de acolhida, e, assim

libertos, possamos construir juntos uma Igreja que acolhe, que ama, e que nos faz crescer em santidade, a fim de criarmos aqui na terra essa cultura do encontro, acolhendo à todos, sem julgamentos, levando aos irmãos a fé, esperança e caridade (cf. 1Cor. 13,13).

### 3.3. Acolhida no cuidado com casa comum

Abordamos anteriormente sobre o diálogo e sua importância para criar a “cultura do encontro”. As palavras ecumenismo e ecologia têm o mesmo prefixo *oikos*, que significa *casa*, que são lugares comuns onde grupos se abrigam. Quando falamos de ecologia e da casa comum falamos também do diálogo, do ecumenismo, mas agora um diálogo “com quem está dentro de casa e com quem está fora dela, de forma que quem está fora passe a pertencer ao grupo comum” (PASSOS, 2016, p.108), por isso, a Igreja é a *casa comum* dos cristãos, que foram chamados a sair, sair de suas famílias e de si mesmos.

Assim como a Igreja é a casa comum dos cristãos, o ecumenismo é a casa comum dos que creem. E outra casa comum é a ecologia, que é a casa comum de todos os seres vivos. Para que haja uma cultura do encontro, deve haver um diálogo entre estas três casas comuns – Igreja, sociedade como ecumênica e Ecologia.

Para os cristãos, a vida comum só pode ser feita pelo diálogo: *através da palavra* se constroem as casas comuns para a convivência de todos. A ecologia é a casa maior que abriga todas as casas menores, todos os seres vivos e não vivos que compõem o grande conjunto vivo da terra. O diálogo cristão se faz na construção da *ecclesia*, do ecumenismo e da ecologia. (PASSOS, 2016, p.108).

A construção dessas três casas se dá simultaneamente, uma se completa com a outra, por isso uma não pode ignorar a outra.

Por este motivo, falar da ecologia é um dos pontos importantes no pontificado do Papa Francisco. Olhar com atenção para a ecologia, é olhar com atenção para com todos os povos e nações, pois o as dimensões humanas e sociais estão presentes na *ecologia integral* e por isso refletir sobre tais assuntos é responsabilidade de todos. Cristão ou não todos devemos cuidar da casa comum.

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isso exige que se pare para pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo (FRANCISCO, 2015, n.138).

Discutir sobre ecologia e meio ambiente é uma urgência. Mas, mais que discutir, é preciso tomar atitudes concretas e práticas não ficar somente na teoria, pois “a criação inteira geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22). A sociedade deve se conscientizar sobre essa urgência, porque

a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos (FRANCISCO, 2015, n.139).

Necessitamos cuidar da ecologia em geral, pois não são somente a natureza, fauna e flora, que estão em perigo, mas toda humanidade, já que estamos incorporados nela, e é isso que o Papa Francisco cobra em sua encíclica, que tomemos, junto dos governantes, uma atitude, uma ação para que valorize a casa comum.

Assim como sociedade e natureza estão em plena ligação, as crises que surgem também estão interligadas, “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (FRANCISCO, 2015, n.139).

Diante das crises socioambientais, o Papa Francisco propõe algumas linhas de orientação e ação. O planeta casa comum e pátria da humanidade que o habita deve ser concebido justamente com esse termo “*casa comum*”, pois é nesta casa que a humanidade vive e necessita para sobreviver. Contudo, esta casa está precisando de ajuda, para que continue viva integralmente. Por isso, diante das crises surgem, estilos de vida, produção e consumo, aparecem algumas soluções, e é preciso “procurar que as soluções sejam propostas a partir de uma perspectiva global e não apenas para a defesa dos interesses de alguns países” (FRANCISCO, 2015, n.164), assim como foi o desenvolvimento tecnológico, com sua rapidez e perspicácia, é necessário que haja “formas eficazes de gestão internacional para resolver as graves dificuldades ambientais e sociais” (FRANCISCO, 2015, n.164). não se podem resolver isoladamente, somente com alguns países, mas é necessário que haja uma ação global, mas olhando também as dificuldades dos países mais pobres, e sem que se volte aos interesses próprios, mas sempre visando o bem comum.

Buscando o bem comum, é preciso urgentemente que a política e a economia, entrem em diálogo, e se coloquem totalmente ao serviço da vida, especialmente da vida humana.

Há discussões sobre problemas relativos ao meio ambiente, nas quais é difícil chegar a um consenso. Repito uma vez mais que a Igreja não pretende definir as questões científicas nem substituir a política, mas convido a um debate

honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum (FRANCISCO, 2015, n.188).

Por isso é necessário que haja entre os países, entre os líderes políticos um diálogo, mas um diálogo que busque solucionar as crises ambientais e sociais, promovendo o bem comum e não exaltando os interesses particulares, mas tendo consciência que todos estamos trabalhando, ou pelo menos deveríamos, pela vida do planeta, da ecologia e da vida humana. Diante disso, vemos que cuidar do planeta, cuidar da ecologia, é cuidar da casa comum, e se é casa comum, somos todos moradores do mesmo lugar, assim sendo, quando cuidamos dessa casa que nos é dada por amor, promovemos a cultura do encontro. A casa comum é, portanto, também a casa do encontro.

Neste terceiro capítulo, podemos concluir que três coisas são essenciais para que haja um acolhimento pastoral, e assim promover a cultura do encontro. O primeiro é o diálogo, dialogar com respeito, sem preconceitos e ciente de suas convicções, gera acolhimento; segundo é aprendermos a deixar o egoísmo de lado, vencer as heresias que nos afastam das pessoas, e permitir que a graça de Deus nos atinjam para sermos melhores para nós mesmos e para os outros, e por fim, perceber que o mundo, a criação grita por socorro, e que está em nossas mãos a responsabilidade de cuidar da nossa casa, fazendo com que ela seja acolhedora, mas para isso é preciso que cuidemos uns dos outros, na certeza de que somos todos irmãos, e que nossa casa comum é dom de Deus deixado para nós.

## CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi de fazer uma reflexão sobre a acolhida iluminada pela cultura do encontro que o Papa Francisco nos apresenta em seus escritos. Para isso, percorremos um caminho gradual até chegar ao Papa Francisco.

No Primeiro capítulo abordamos algumas dificuldades presentes na atualidade que podem atrapalhar a acolhida, e, automaticamente não criar a cultura do encontro. O fundamentalismo religioso e a falta de diálogo, o tradicionalismo e, por fim, a falta de acolhida no cuidado com a casa comum. Concluimos que são aspectos que estão presentes em nossas comunidades, paróquias, seminários e até mesmo em cada um de nós. São fraquezas, que, se não trabalhadas, podem afastar pessoas de nossas comunidades e até de nós mesmos. É preciso olhar com atenção tais desafios, e, com humildade, superá-los.

No segundo capítulo vimos a importância que o acolhimento tem na Igreja, desde as sagradas escrituras, passando pelo Antigo Testamento até a época de Jesus, Novo Testamento, e os ensinamentos que ele deixou para os apóstolos, que, com muita coragem foi transmitida até nossos tempos, a acolhida que Jesus fez com os excluídos da sociedade mostrando que quem escolhe a cada um de nós, é Deus, Ele quem vem ao nosso encontro, ou seja, Ele o precursor da cultura do encontro, acolhendo os pecadores, mesmo com suas misérias, e dando à eles, pela misericórdia, uma dignidade renovada, com a esperança da salvação e de se tornarem filhos e filhas de Deus. Para mais próximo do nosso tempo surge o Concílio Vaticano II, que pela inspiração do Espírito Santo, e discernindo os “sinas dos tempos”, pede uma reforma, uma atualização (*aggiornamento*) na Igreja. Uma reforma não como a do século XV, feita por Lutero, mas uma reforma que se abre ao povo de Deus, uma Igreja aberta, que acolhe e que se faz presente no mundo. Diante disso, abordamos duas, das quatro constituições do Concílio Vaticano II, que são, a *Lumen Gentium*, que tem como tema a eclesiologia, e a *Gaudium et Spes*, cujo tema central é o serviço pastoral da Igreja. Também os Papas, pós-conciliares, que ouvindo as propostas do Concílio Vaticano II, vão colocando em prática aquilo que foi iluminado pelo Espírito Santo. Em seus discursos inaugurais ou nos das primeiras missas, os Papas São Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI, iniciam o desafio de conduzir

uma Igreja que necessita de mudanças urgentes para acompanhar as mudanças da sociedade.

No terceiro capítulo temos presente o acolhimento no pontificado do Papa Francisco, que nos propõe a “cultura do encontro”. Vemos em alguns de seus escritos, e tentamos responder com eles, uma maneira de superar os desafios abordados no primeiro capítulo. A importância do diálogo, que ao dialogar entramos em contato com o outro, e quando o diálogo é saudável, conseguimos criar essa “cultura do encontro” com trocas de experiências e de sabedoria, nos fazendo crescer e sermos mais irmãos. Outro ponto que o Papa Francisco nos ajuda a superar são os pecados que nos afastam do outro, gnosticismo e pelagianismo, podemos compreender também como fundamentalismo e tradicionalismo. Vencer esses pecados é reconhecer que a graça de Deus nos é dada sempre e gratuitamente, mesmo em meio às nossas fraquezas, e que, tudo o que temos, seja sabedoria, ou até mesmo algo material, foi Deus quem nos deu por sua infinita misericórdia. Reconhecendo a graça de Deus em nossa vida, nós nos abrimos para os irmãos e assim, criamos uma cultura do encontro. E para superar a falta de cuidado para com a casa comum, é necessário o diálogo ecumênico e ecológico, mas sempre ter em mente que somos responsáveis pelo cuidado do Planeta Terra, pois este Planeta a casa que Deus nos deu, e se todos moramos nesta mesma casa, devemos viver em harmonia, cuidando uns dos outros, acolhendo cada um em suas diferenças, como irmãos, para podermos assim, ter uma sociedade mais fraterna, vencendo os desafios das desigualdades sociais e ambientais, fazendo que tenha entre nós a cultura do encontro.

Considerando tudo isso, conclui-se que podemos colocar todas as propostas em prática, seja em nossas paróquias, comunidades, e até mesmo na sociedade. Para uma sociedade mais acolhedora, devemos acolher o que nos é proposto para melhorarmos o mundo, e isso começa se mudarmos a nós mesmos. E isso também serve dentro da Igreja, se quisermos ter uma Igreja mais acolhedora, é preciso que siamos dos nossos comodismos, coloquemos nossas sandálias e partamos em missão, ao encontro daquele que está à beira do caminho, esquecido pela sociedade, anunciando o Reino de Deus não somente com palavras, mas sobretudo em ações, testemunhando o amor de Deus em nossas vidas, com um coração “sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião” (FRANCISCO, 2020, n.3).

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, M. **A Igreja do Papa Francisco à luz do Concílio Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016.

BENTO XVI, Papa. "**Santa Missa pela Igreja Universal**". **Primeira mensagem de sua santidade Bento XVI no final da concelebração eucarística com os cardeais eleitores na capela sistina**. 2005. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20050420\\_missa-pro-ecclesia.html/](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2005/documents/hf_ben-xvi_mes_20050420_missa-pro-ecclesia.html/). Acesso em 08 jun. 2022.

BIBLIA sagrada. São Paulo: Edição Pastoral. Paulus, 2017.

BOFF, L. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafios para o século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

CAMPOS, B.M. **Fundamentalismo: terminologia, Hermenêutica e apontamento**. São Paulo: Recriar, 2020.

DICIONÁRIO do Concílio Vaticano II / dirigido por Passos, J.D. e Sanchez, W.L. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus e Loyola, 2ª ed, 2014.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. São Paulo, Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Gaudete et Exultate**. São Paulo, Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Laudato Si**. São Paulo: Paulus e Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. **Meditações matutinas na santa missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta: Por uma cultura do encontro**. 2016, Vaticano. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie\\_20160913\\_cultura-do-encontro.html/](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html/). acesso em 27 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Encontro com a Classe Dirigente do Brasil**. 2013, Rio de Janeiro. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130727\\_gmg-classe-dirigente-rio.html/](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-classe-dirigente-rio.html/). Acesso em 15 jun. 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Radiomensagem "Urbi Et Orbi"**. 1978. Disponível em [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781017\\_primo-radiomessaggio.html/](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html/). Acesso em 08 jun. 2022.

PASSOS, J. D.; JESUS, L. N. DE. Papa Francisco: um sinal de contradição? Oposições a seu paradigma pastoral. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, n. 317, p. 634-663, 10 dez. 2020.

PASSOS, J.D. **A força do passado na fraqueza do presente: o Tradicionalismo e suas expressões.** São Paulo: Paulinas, 2020

\_\_\_\_\_. **A Igreja em saída e a casa comum: Francisco e os desafios da renovação.** São Paulo: Paulinas, 2016.

PAULO VI, Papa. **Dei Verbum.** 19ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011. 19ª ed. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano, 2).

\_\_\_\_\_. **Gaudium et Spes.** São Paulo: Paulinas, 2011. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano, 2).

\_\_\_\_\_. **Lumen Gentium.** São Paulo: Paulinas, ed.23, 2011. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano, 2).

\_\_\_\_\_. **Primeira mensagem do Papa Paulo VI ao mundo.** 1963. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630622\\_first-message.html/](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630622_first-message.html/). Acesso em 08 jun. 2022.

PEREIRA, J, C. **Pastoral da Acolhida: guia de implantação, formação e atuação dos agentes.** 3ª ed, São Paulo, Paulinas, 2013.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 9ª ed. 2010.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2005.

PUC-CAMPINAS. **Guia de normalização de Trabalhos acadêmicos da PUC-Campinas** / realização: Pontifícia Universidade católica de Campinas, Sistema de Bibliotecas e Informação, Núcleo de Editoração. Campinas: PUC-Campinas, 2020.

SANCHEZ, W.L. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso.** São Paulo: Paulus, 2015.

WOLFF, E. **Igreja em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2018. (coleção teologia do Papa Francisco).